

## RELAÇÕES ENTRE CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO E CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO

**RESUMO** -. Aborda as relações entre Ciência da Informação e Ciência da Comunicação a partir da retomada de seus aspectos históricos e culturais. Ressalta a proximidade das áreas a partir do conceito de informação e das questões interdisciplinares evidenciadas no contexto da pós-modernidade. Finaliza verificando que a proximidade das áreas permite uma ressignificação e um aprofundamento das discussões acerca dos conceitos-chave da Ciência da Informação e Ciência da Comunicação.

**Palavras-chave:** Ciência da Informação. Ciência da Comunicação. Informação. Pós-modernidade.

### RELATIONS BETWEEN INFORMATION SCIENCE AND COMMUNICATION SCIENCES

**ABSTRACT** - Approaches the relationship between Information Science and Communication Science from the resumption of its historical and cultural aspects. Highlights the proximity of areas based on the concept of information and interdisciplinary issues highlighted in the context of postmodernity. Finalizes checking the proximity of the areas allows some redefinition and a deepening of discussions about the key concepts of Information Science and Science Communication

**Key-words:** Information Science. Science Communication. Information. Post-modernity.

**Jéssica Camara Siqueira**

Mestranda em Ciência da  
informação (ECA-USP)  
Especialiação em Arquivos(IEB-  
USP).Graduação em  
Biblioteconomia(ECA\_USP).  
Graduação em  
Letras(UNIMAR)Universidade  
de São Paulo – USP

[jessica.camara@yahoo.com.br](mailto:jessica.camara@yahoo.com.br)

## 1 INTRODUÇÃO

As origens dos estudos informacionais e comunicacionais, segundo Simeão (2006) remonta aos escritos de Aristóteles, filósofo da Grécia Antiga, que já trazia em suas pesquisas aspectos da transmissão da informação, mesmo que por uma perspectiva filosófica. Depois disso, foi só no século XVIII, com o movimento enciclopedista francês, que a ideia de informação ressurgiu com uma nova roupagem, entendida como um elemento integrante do sistema de comunicação e assumindo um caráter mais científico e conceitual. Porém, foi apenas no século XIX que a comunicação e a informação foram percebidas como fenômenos sociais, fruto das transformações socioculturais e tecnológicas do período.

Tal percepção do papel da comunicação e da informação foi acentuada na revolução científica e técnica da segunda metade do século XX, pós-segunda Guerra Mundial. Para muitos autores esse seria o marco inicial dos estudos informacionais, como conhecemos hoje (SIMEÃO, 2006). Enquanto as Ciências da Comunicação surgem com o objetivo de analisar as relações entre os meios de comunicação e a sociedade, a Ciência da Informação desenvolve-se a partir da Recuperação da Informação, proposta na década de 40, e impulsionada pelo avanço tecnológico e explosão informacional (CAPURRO ; HJORLAND, 2007).

A Ciência da Informação e as Ciências da Comunicação já demonstram em suas origens uma relevante aproximação, que mais tarde será evidenciada pelo contexto pós-moderno e pelas relações interdisciplinares e de mediação cultural. No intuito de perpassar pelas principais proximidades dessas duas áreas que perpassam por caminhos comuns, este artigo tem o intuito de retomar o contexto de surgimento e desenvolvimento dos dois campos em questão, para em seguida verificar suas principais proximidades, dando principal destaque ao papel do conceito de informação para ambas.

## 2 COMUNICAÇÃO, CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO E PÓS-MODERNIDADE

Iludidos com o arcabouço tecnológico e científico do mundo pós-moderno, vislumbramos preencher as “lacunas” deixadas por nossos antepassados. No entanto, nos esquecemos de que antes de ambicionarmos tal intento, deveríamos nos dar conta de nossa posição no contexto contemporâneo. Vivemos um momento de transição entre dois paradigmas: o positivista que se esvanece, mas que ainda está arraigado a estruturas socioculturais, e a epistemologia da complexidade, que ao contrapor as bases do paradigma<sup>1</sup> anterior, substitui nossa alicerçada visão de mundo por indagações.

A perspectiva positivista tem origem na Idade Média, época em que a visão de mundo vigente era metafísica, pautando sociedade, cultura e política pelas relações espirituais. No entanto, com o emergir do Renascimento, revalorização do homem, racionalismo e o incentivo à indagação e a compreensão do mundo, floresceu um novo paradigma (BARRETO, 2007). Ao longo do tempo, tais questões se consolidaram e ganharam status científico, com destaque a três importantes figuras: Descartes, com o método dedutivo cartesiano; Newton com o mecanicismo; e Darwin desconstruindo o modelo criacionista, revolucionando nossa maneira de enxergamos o mundo com o Evolucionismo.

A partir da aplicação de tais teorias, somadas ao contexto histórico-social do século XIX, Revolução Industrial e Iluminismo, temos o auge do positivismo, que se consolidou numa perspectiva objetiva, neutralista e monista. Tais elementos contribuíram com a estruturação científica, dada a partir do recorte epistemológico do objeto, não mais tomado simplesmente em sua faceta ontológica, mas observado como objeto científico, adequado ao contexto positivista. Dessa forma, com tais delimitações epistemológicas a Ciência constitui-se a partir da tríade: objeto, campo de estudo e metodologia, desenvolvendo-se tanto nas Ciências Exatas e Biológicas, alicerçadas pela evolução

---

<sup>1</sup> Segundo França (2001) paradigma é uma estrutura dilatada no tempo que nos permite sustentar nossa visão de mundo e lidar com a realidade, assim tais “pontos de vista” são lugares de onde se vê e se analisa a realidade.

científica, como nas Ciências Humanas, que surgiram na tentativa de compreender a massa populacional.

A sociedade de massa surgida no século XIX na época da Revolução Industrial, marcada por pessoas desenraizadas, vivendo precariamente nas cidades e nas periferias do sistema produtivo, tornou-se o elemento-chave de análise para os estudos sociológicos, antropológicos, psicológicos e mais tarde comunicacionais. Mesmo que a comunicação já existisse, pois seu desenvolvimento permeava o próprio funcionamento orgânico da sociedade, foi apenas no século XX, que se tornou um objeto de pesquisa. Nessa época voltou-se principalmente às questões da sociedade de massa, debatendo desde seu comportamento ao controle exercido pelos veículos de comunicação.

No século XX, o modelo científico moderno entra em crise, as diversidades e complexidades do mundo contemporâneo desafiam a estabilidade científica de base iluminista. Nesse cenário de crise da matriz do pensamento científico, desenvolve-se a perspectiva pós-moderna. Mesmo com algumas discussões e polêmicas sobre sua denominação, ambígua, complexa e crítica para alguns, acabou sendo uma das expressões mais usadas para representar uma espécie de reação à visão positivista e iluminista (HARVEY, 2000).

A perspectiva pós-moderna é marcada pela heterogeneidade, relativização e questionamento de todos os discursos universais e totalizantes cristalizados na visão moderna. Nos territórios do saber científico foram aparecendo novas concepções e posturas críticas às características positivistas e iluministas. Sujeito e objeto, outrora dissociados aparecem numa relação de interligação e interdependência dinâmica, marcadas por princípios de incerteza e indeterminação dos processos de construção do conhecimento (HARVEY, 2000).

Neste cenário, segundo Morin (1997) emerge a Epistemologia da Complexidade, que apregoa que a ciência clássica ortodoxa era simplista e reducionista ao delimitar o real ao formato de seus paradigmas - disjuntivos e mecanicistas. Já a esfera da Epistemologia da Complexidade, em contrapartida, procura compreender as relações de

interdependência através de uma visão sistêmica da dinâmica social, caracterizada pela presença do indeterminismo, instabilidade, e não linearidade.

A Comunicação, mesmo surgindo num contexto positivista, trouxe consigo o gérmen da Epistemologia da Complexidade, que se instaurou no fim do século XX e até hoje se difunde. Se pensarmos no tripé para a consolidação de uma ciência: definição de um objeto, de um campo de estudo e de uma metodologia, poderíamos encontrar objetivamente tais elementos na Comunicação? (GOMEZ, 2000).

O objeto da comunicação nasce em um berço positivista (antes identificado como meio de comunicação), que se desconstrói para encontrar sua essência, deixando de ser empírico, não permitindo que tracemos uma metodologia padrão. Já o campo de estudo, por sua vez, diante desse contexto multi, inter e transdisciplinar, não pode mais ser encarado de forma individual e estanque, pois se amálgama com outras disciplinas, áreas e campos de estudo, na conjectura atual.

Dentre vários autores que discutem a conjectura pós-moderna na Comunicação podemos citar os trabalhos de Stuart Hall, com destaque para seu livro *A identidade cultural na pós-modernidade* (2003), em que discute a crise de identidade que vivemos na contemporaneidade, fenômeno que desloca estruturas e os processos sociais, propiciando uma perda do sentido de estabilidade construída pelo sujeito, que nesse contexto também se transforma. Diferente do sujeito centrado e racional do Iluminismo, ou mesmo do sujeito sociológico que refletia os valores, sentidos e símbolos da cultura na qual fazia parte, o sujeito pós-moderno torna-se mais provisório, variável e problemático, constituindo-se de várias identidades, contraditórias e não resolvidas.

Assim como a Comunicação, a área da Ciência da Informação também vive esse contexto de instabilidade, tendo seus paradigmas repensados e sua identidade questionada. Da mesma forma que procuramos uma delimitação teórica para a Comunicação, na Ciência da Informação ocorre o mesmo problema, já que nos vemos diante de diferentes perspectivas de conceituação de seu suposto objeto de estudo- a informação, além de termos de repensá-lo no aspecto empírico, epistemológico e sociocultural.

Até meados da década de 50, a Ciência da Informação se consolida como um campo de investigação formal, resultado da generalização da Teoria da Informação<sup>2</sup> de Shannon e Weaver, e da tentativa de se encontrar estratégias para os problemas de processamento e recuperação da informação (GALVÃO, 1993). Contudo, posteriormente, a Ciência da Informação passa a lidar com um campo de atuação mais amplo, com propósitos investigativos e analíticos de natureza interdisciplinar e voltadas a objetivos ligados à produção, organização, difusão e utilização de informações nos diferentes campos do saber (OLIVEIRA, 2005).

Mesmo diante de tais evoluções, a Ciência da Informação, assim como as Ciências Comunicacionais, refletem a complexidade conceitual do contexto pós-moderno, marcado por rupturas e descontinuidades. Um dos principais paradoxos da área, segundo Barreto (2002) é por um lado ter a Internet e os recursos da *web* como potenciais ferramentas para difusão do acesso informacional e a interação sócio-colaborativa, e por outro lado, pela quantidade de informação produzida crescer geograficamente, ainda não existirem recursos eficazes para a seleção e recuperação informacional, o que acarreta problemas na apreensão de conteúdos e o consequente estado anômalo do conhecimento<sup>3</sup>.

Além disso, mesmo caminhando para uma Epistemologia da Complexidade, vivemos um momento de transição de paradigmas, logo, ainda trazemos nas diversas esferas socioculturais e científicas resquícios do positivismo. Apesar de este ter sofrido diversas modificações desde sua criação por Auguste Comte (1798-1857) no século XIX até meados do século XX, ainda podemos observar muito do positivismo no contexto atual. A divisão disciplinar, ou mesmo a tentativa de organizar os campos de estudo em estruturas rígidas, mais demarcadas pela objetividade e razão do que encaradas numa perspectiva mais relativa, é um reflexo da visão positivista.

---

<sup>2</sup> Também conhecida como Teoria Matemática da Comunicação, a Teoria da Informação se originou na 2ª Guerra Mundial, na troca de mensagens entre aliados e inimigos, a partir de processos de codificação e decodificação. Tendo como base a quantidade (teor ou taxa) de informação existente em um processo comunicacional, otimiza o custo de uma mensagem, eliminando problemas de transmissão (ruídos) e veiculando mensagens mais econômicas e precisas (MATTERLART, A.; MATTERLART, M., 2000).

<sup>3</sup> Segundo Belkin, estado anômalo do conhecimento refere-se às inadequações de um estado de conhecimento, que podem ser falhas, lapsos, incertezas ou incoerências que gerem a sensação de erro. Tal situação implica que aquele que busca a informação se sinta incapaz de expressar sua necessidade, não conseguindo expressar sua lacuna informacional (1997,p.137 apud CHOO, p.17, 2003).

### 3 O CONCEITO DE INFORMAÇÃO

Na conjuntura contemporânea, tanto a ciência como o conhecimento mudam de papéis refletindo assim a complexa perspectiva pós-moderna. Segundo Wersig (1991), tal mudança, ao contrário do que o senso comum diz, não se restringe às transformações de uso da tecnologia em informação, a exemplo do que ocorreu na Revolução de Gutenberg. A informação nesta perspectiva funcionaria em função do conhecimento, que para o autor seria tecida através da linguagem. Nessa visão a linguagem caracterizaria os campos do conhecimento, e eles ganhariam na pós-modernidade dimensões e perspectivas distintas àquelas que nos acostumamos a ter no paradigma moderno.

Uma das questões teoricamente mais contundentes para o estabelecimento de um campo científico, segundo a ótica do paradigma moderno, seria a delimitação de um objeto, ideia que se desconstrói no contexto pós-moderno. Neste último, os objetos e fenômenos em si não são as “lentes” escolhidas pelos estudiosos para compreender a ciência contemporânea, mas sim as temáticas e suas inter-relações (TEIXEIRA COELHO, 2005). Com a crise da matriz disciplinar, as estruturas positivistas e iluministas se desconstroem. O conhecimento antes “disciplinado” na especialização do saber e tendo como prioridade a funcionalidade, na esfera pós-moderna ganha um caráter polivalente, desenvolvendo-se em grande parte por analogias, e marcando-se pela pluralidade de métodos, parcialidade e fragmentação.

Le Coadic, em sua obra *Ciência da Informação* (2004) reflete sobre o caráter nebuloso e ambíguo do termo informação, usado em diferentes campos do conhecimento, mas relacionado à cognição humana e ao aspecto comunicacional. Assim, ao falar da Ciência da Informação, como resultado das interações entre as disciplinas, ressalta que muitas vezes essas se atentam mais ao suporte que a informação em si, o que desprestigia o principal objetivo da informação, a significação, responsável pela aquisição do conhecimento.

Imersos nas idiosincrasias do contexto contemporâneo da Ciência da Informação, resultado de transformações estruturais e conjunturais, nos deparamos com a

multiplicidade e a reverberação interdisciplinar de seu conceito-chave, a informação. Que fenômeno é este que nos atinge tão profundamente e que mal conseguimos verbalizar?

Capurro e Hjørland (2007) tenta responder a questão, verificando o conceito de informação a partir de suas raízes etimológicas greco-latinas, evoluindo para as perspectivas científicas, sociais e cognitivas, até chegar ao uso, ainda pouco formalizado, na Ciência da Informação. Seu objetivo de perpassar pelas diferentes teorias é importante, pois nos lembra de que por vivermos num mundo relacional, é imprescindível que saibamos que não há novas ideias, mas diferentes perspectivas de se encarar uma mesma ideia.

Quando são resgatadas as origens do termo, percebemos que mesmo com a ampliação de seu uso, ainda há resquícios da essência inicial da palavra *informatio* (“comunicar o conhecimento” ou “moldar a mente”), ou mesmo a ideia de “ser uma faculdade para ser lida com representações internas” proposta por Santo Agostinho. As transições de significado nos fazem constatar que estão ligadas diretamente com as diferentes visões de mundo sobre o conhecimento, que para Capurro e Hjørland (2007) é a essência da informação, “conhecimento comunicado”.

Tal ideia fica latente quando contrapomos o conceito de informação na perspectiva das Ciências Naturais com o das Ciências Sociais, por exemplo. Enquanto o primeiro evidencia uma definição qualitativa em que a informação reproduz um processo de seleção, só podendo ser feita considerando-se um contexto (SHANNON, 1948 apud CAPURRO ; HJORLAND, 2007); a segunda enfatiza a informação como algo a ser construído pelo processo de comunicação, ou seja, que pode ser visto por ângulos diferentes, ressaltando assim seu caráter relativo.

Além da perspectiva social, baseada nos processos socioculturais em que a informação é construída, e a perspectiva científica, fundamentada na organização e tratamento da informação de modo sistemático e com viés tecnológico, há ainda a perspectiva cognitiva. Nesse viés, a informação focaliza-se na elaboração da mensagem pelo emissor, através de um processo simbólico, e do receptor, num processo



interpretativo, o que sugere que o sistema cognitivo não só guarda novas informações como as reformula a partir de mapas mentais.

Segundo Lévy (1993), das formas de comunicação orais, passando pela explosão bibliográfica - oriunda da invenção do livro, aos recursos tecnológicos pós-modernos e a Internet, a informação é vista como mensagem, signo linguístico, transmissora de um sinal ou código, dado e conhecimento. Tais revoluções, segundo Chartier (1997), são marcadas pela entropia, que acaba levando o ser humano a procurar novas tecnologias para difundir suas ideias e semear o conhecimento. Castells (2002) ratifica tais considerações dizendo: “os sistemas tecnológicos evoluem incrivelmente, mas de tempos em tempos sofrem uma descontinuidade. Essas descontinuidades são marcadas por revoluções tecnológicas que introduzem um novo paradigma[...]” (CASTELLS, 2002, p.28).

Um exemplo prático apontado por McGarry (1999) é a questão do texto, que com a tecnologia digital desprende-se do meio físico, podendo assumir diferentes formatos, potencializando assim seu valor como conteúdo e não formato. Dessa forma, a informação não é mais vista verticalmente ou como um dado físico, ao contrário assume uma perspectiva dialógica e horizontal com a realidade, tanto que Capurro (2003) a denomina como “informação comunicada”, pois é capaz de transformar um conteúdo informacional em conhecimento.

Podemos pensar ainda que o conceito da informação esteja atrelado à questão política e sociocultural. No mundo globalizado a informação é produto das interações humanas, resultado tanto das escolhas contemporâneas, como das ações do passado. Já no âmbito econômico, a informação tornou-se importante por despertar atenção como capital, visualizada muitas vezes como uma mercadoria globalizada, elemento chave para o sistema de produção de bens e serviços.

O conceito de informação, originalmente associado à ideia de criar noções, segundo sua procedência latina (*informare*), tem sofrido diversas modificações e incorporações em seu significado, resultado de valores e funções que o termo informação desenvolveu no contexto sociocultural. Atualmente o conceito está vinculado à ideia de um constructo elementar no processo de aprendizagem e transmissão de valores,

tradições e culturas. Dessa forma, a informação se consolida numa perspectiva cultural, atuando na materialização de valores e condutas de grupos sociais, tendo nesse viés uma função comunicacional, já que promove tanto a expressão cultural como a inter-relação social.

No âmbito das ciências, por exemplo, os valores atribuídos ao conceito de informação ganham outras abordagens, a partir das diversas significações do termo, o que nos faz perceber que o estudo da informação acaba sendo preocupação comum de vários campos do conhecimento, com destaque para a Ciência da Informação e as Ciências da Comunicação. Tal afirmação é ratificada por Kobashi e Tálamo (2003) que apontam que hoje a noção de informação não se apresenta mais como uma questão individual, mas por sua natureza dinâmica se caracteriza como sendo um problema social.

#### **4 AS RELAÇÕES ENTRE CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO E COMUNICAÇÃO**

Enquanto a Ciência da Informação é a área do conhecimento voltada à seleção, preparação e disseminação da informação, para determinados públicos de acordo com suas necessidades especiais, a Comunicação, enxerga a informação no âmbito do processo comunicacional, considerando, portanto o formato, o estilo, a tecnologia e os canais de divulgação da informação. Todavia com a tendência de aumento de geração de informação por diversos meios de comunicação nota-se uma aproximação entre os conceitos de informação e comunicação, pois o que antes era rotulado como produto e o processo, passa a ser visto de forma mais complementar, revelando um intuito comum em compreender o fenômeno social do processo de comunicação da informação.

Segundo Freires (2007), as relações entre a Ciência da Informação e as Ciências da Comunicação podem ser observadas por vários aspectos, já que a própria história de ambos os campos do conhecimento é caracterizada pela diversidade, sobretudo pela razão das áreas terem como princípios fundamentais a interdisciplinaridade e a associação aplicada da informação e do conhecimento. Nesse sentido, tais aproximações podem suscitar o aperfeiçoamento das reflexões acerca das representações da informação e da

comunicação na sociedade, embasadas no diálogo e o compartilhamento de teorias e metodologias.

Há vários estudos que aproximam as áreas: a exemplo de Paiva (2002) que focaliza a aproximação dos campos a partir de uma ação pragmática (trabalho, vida e sociedade); Melo (1977) propondo uma relação histórica ao estabelecer a classificação das Ciências da Comunicação em três grandes grupos: Ciências da Informação Individual ou Grupal, Ciências da Informação Coletiva e Ciências Fontes de Informação; Meadows (1999) aponta a estreita relação dos campos motivada pelas tecnologias de produção e reprodução da informação; ou mesmo, segundo Ferin (2002) a tendência que as Ciências da Comunicação e Ciência da Informação têm de estar interconectadas em termos de uma relação intermediada pela cultura.

Segundo Brambilla (2004, p.54) no âmbito temático, as Ciências da Comunicação têm se dedicado “aos estudos de audiência, persuasão, indústria cultural, identidades culturais e, mais recentemente, à revisão de seus conceitos implicada pelas novas tecnologias”, enquanto a Ciência da Informação tem se preocupado “com a organização, o crescimento e a distribuição do conhecimento documentado, a relação entre sistemas de registro e recuperação e seus usuários, além de uma constante revisão do próprio conceito de informação, dada a abrangência de tal campo”.

Já que as relações entre as Ciências da Comunicação e a Ciência da Informação podem ser visualizadas a partir de diferentes perspectivas, escolhemos, contudo, ressaltar principalmente duas: a relação histórica e a cultural.

No primeiro caso, mesmo considerando as particularidades de cada área, nota-se que seus percursos se cruzam na composição do cenário das ciências sociais aplicadas, marcadas principalmente por um viés social e pragmático. Além disso, por trazerem em seu bojo noções como informação e conhecimento, evidenciam-se pelo princípio da interdisciplinaridade, o que possibilita não só uma associação mútua entre elas, como uma “porta aberta” às demais áreas do conhecimento (PAIVA, 2002).

Quanto à relação cultural, podemos observar que a cultura pode atuar na mediação das duas disciplinas, considerando que em ambas as áreas há o objetivo comum

de se produzir e transmitir conteúdos simbólicos sociais. A noção de informação, comum nos dois campos é um exemplo da conexão que a cultura pode mediar, ratificando que a problemática da informação atua na interface das duas áreas por ambas operarem com o sentido, ou seja, o estudo dos significados.

Mesmo que o conceito de informação, para cada uma das áreas, tenha suas particularidades é notório que ambas partilhem de um conjunto de concepções que traduzem informação como a matéria-prima da qual se extrai o conhecimento, ou seja, “aquilo que é permutado com o exterior e não apenas recebido passivamente, podendo ser definida em termos de seus efeitos no receptor, ou ainda algo que reduz a incerteza em determinada situação” (BRAMBILLA, 2004).

## 5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Conclui-se assim, que tanto pelo aspecto histórico, como pelo cultural, a aproximação entre as Ciências da Comunicação e a Ciência da Informação é notória e se dá não só como mera associação situacional, mas no âmbito de permitir uma ressignificação de conceitos e uma reflexão mais aprofundada do escopo de cada área no viés da pós-modernidade, a partir da mediação, conceitos-chave largamente difundido entre as duas áreas. Além disso, mesmo considerando a diversidade de cada campo, é notório verificar que existe um núcleo comum localizado na ação de intermediação entre as áreas, referente aos processos de geração, transferência e uso da informação.

## REFERÊNCIAS

**BARRETO, A. A.** *A condição da informação. Perspectiva*, São Paulo, v. 16, n. 3, 2002.

BARRETO, A.A. Uma história da Ciência da Informação. In: **TOUTAIN, Lídia** Brandão. (Org.). *Para entender a Ciência da Informação*. Salvador: Editora da Universidade Federal da Bahia, 2007.

BRAMBILLA, A. M. *Comunicação e informação: diálogos possíveis*. (Trabalho de Conclusão da disciplina Teorias da Comunicação e da Informação) Programa de Pós- Graduação em Comunicação e Informação da Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, RS, jul. 2004. Disponível em: <[http://ambrambilla.blaz.com.br/teorias\\_info\\_com.pdf](http://ambrambilla.blaz.com.br/teorias_info_com.pdf)>. Acesso em: 11 set. 2011.

CAPURRO, R. Epistemologia e Ciência da Informação. In: ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO – *ENANCIB*, 5. 2003, Belo Horizonte. *Anais...* Belo Horizonte: ECI/UFMG, 2003.

CAPURRO, R; HJORLAND, B. O conceito de informação. *Perspectivas em Ciência da Informação*, v. 12, n. 1, p. 148-207, jan./abr. 2007. Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S1413-99362007000100012&script=sci\\_arttext&tIng=pt](http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S1413-99362007000100012&script=sci_arttext&tIng=pt)>. Acesso em: 10 set. 2011.

CASTELLS, M. *A sociedade em Rede - a era da informação: economia, sociedade e cultura*. São Paulo: Paz & Terra, 2002.

CHARTIER, R. *A Aventura do livro do leitor ao navegador*. São Paulo: Editora Unesp, 1997.

CHOO, C.W. *A organização do conhecimento- como as organizações usam a informação para criar significado, construir conhecimento e tomar decisões*. São Paulo: Editora Senac, 2003.

FERIN, I. *Comunicação e culturas do cotidiano*. Portugal: Quimera, 2002.

FRANÇA, V. V. Paradigmas da comunicação, conhecer o que? *Ciberlegenda*, n.5, 2001. Disponível em: <<http://www.uff.br/mestcii/vera1.htm>. Acesso em 25 out.09>. Acesso em 10 set 11.

FREIRES, T. G. S. *Relações entre a Ciência da Informação e as Ciências da Comunicação: um estudo dos conceitos de representação documentária, mediação e comunicação científica* (Trabalho de Conclusão de Curso) Universidade de São Paulo, São Paulo, 2007.

GALVÃO, M. C.B. Os conceitos dos termos biblioteconomia, documentação e ciência da informação. *Revista Brasileira de Biblioteconomia*, v.26, n.1/2, p.100-114, jan./jun., 1993.

GOMEZ, M. N. G. Metodologia de pesquisa no campo da Ciência da Informação. *DataGramaZero - Revista de Ciência da Informação*, v.1, n.6, dez.2000.

HALL, S. *A identidade cultural na pós- modernidade*. Trad. Tomáz Tadeu da Silva e Guacira Lopes Louro. 7 ed. Rio de Janeiro: DP & A, 2003.

HARVEY, D. *Condição pós-moderna*. São Paulo: Loyola, 2000.

KOBASHI, N. Y.; TÁLAMO, M. F. G. M. Informação: fenômeno e objeto de estudo da sociedade contemporânea. *Transinformação*, v. 15, n. 3 (edição especial), p. 7-21, set./dez. 2003. Disponível em: <<http://revistas.puc-campinas.edu.br/transinfo/include/getdoc.php?id=139&article=43&mode=pdf>>. Acesso em: 11 set. 2011.

LE COADIC, Y.F. *A ciência da informação*. São Paulo : Briquet Lemos, 2004.

LÉVY, P. *As tecnologias da inteligência: o futuro do pensamento na era da informática*. São Paulo: Editora 34, 1993.

MATTELART, A; MATTELART, M. *História das teorias da comunicação*. 3 ed. São Paulo: Loyola, 2000.

**McGARRY, K** *O contexto dinâmico da informação*. Brasília: Briquet de Lemos Livros, 1999.

MEADOWS, A. J. *A comunicação científica*. Brasília: Briquet de Lemos, 1999.

MELO, J. M. *Comunicação Social: teoria e pesquisa*. Petrópolis: Vozes, 1977. (Coleção Meios de Comunicação Social).

MORIN, E. *O enigma do homem*. Trad. de Castro Ferro. 2ed. Rio de Janeiro: Zahar, 1997.

OLIVEIRA, M. Origens e evolução da Ciência da Informação. In: \_\_\_\_\_. (Coord.), *Ciência da Informação e Biblioteconomia: novos conteúdos e espaços de Atuação*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2005. (Coleção Didática).

PAIVA, C. C. O campo híbrido da informação e da comunicação. In: AQUINO, M. A. *O campo da Ciência da Informação: gênese, conexões e especificidades*. João Pessoa: Editora Universitária/UFPB, 2002.  
SIMEÃO, E. *Comunicação extensiva e Informação em Rede*. Brasília: Universidade de Brasília, Departamento de Ciência da Informação e Documentação, 2006.

TEIXEIRA COELHO, J. Esboços do prazer. In: MONTESQUIEU, C.S. *O gosto*. São Paulo: Iluminuras, 2005. p.83-127.

WERSIG, G. Information Science: the study of postmodern knowledge usage. *Information Processing & Management*, v. 29, n. 2, p.229-239, 1991.